

FOLHA DE S. PAULO ***

mundo

União Europeia aprova pacote de ajuda com R\$ 267 bi para a Ucrânia

Hungria enfim cede, na primeira boa notícia para Kiev na guerra com Moscou em semanas

GUERRA DA UCRAÍNA

Igor Gielow

SÃO PAULO Na primeira boa notícia para a Ucrânia em semanas, a União Europeia aprovou nesta quinta (1º) um pacote de € 50 bilhões (R\$ 267 bilhões na cotação atual) em ajuda financeira para o país invadido pela Rússia.

O valor deve ser liberado em etapas, começando por uma parcela de € 4,5 bilhões (R\$ 24 bilhões) em março. A decisão foi tomada em reunião extraordinária do Conselho Europeu. "Temos um acordo. Unidade. Todos os 27 líderes concordaram em um pacote adicional de apoio dentro do orçamento da UE", afirmou o presidente do órgão, Charles Michel, no X.

O presidente ucraniano Volodymyr Zelenskyy, declarou que a ajuda permitirá estabilidade para seu país nos próximos meses. A guerra com a Rússia completará dois anos no próximo dia 24.

O momento para Kiev é crítico. No fim do ano passado, a Hungria havia vetado o acordo para a extensão da ajuda financeira ao país, alegando que ela não era prioritária.

Seu premiê, Viktor Orbán, visava pressionar pela liberação de fundos da UE para seu país, congelados devido a violações dos padrões democráticos do bloco.

Considerado o mais pró-Rússia dos líderes europeus, Orbán acabou cedendo. Não se sabe ainda qual promessa recebeu, mas o relato inicial é de que o dinheiro seguirá bloqueado.

Na UE, as decisões de ajuda deste tipo têm de ser unânimes, e a pressão sobre o húngaro foi grande. "Este é o momento em que o premiê Orbán precisa entender que o jogo acabou. Ele precisa considerar se está dentro ou fora", disse o premiê da Polónia, Donald Tusk, antes da primeira reunião em Bruxelas. "Nós sabemos o que está em jogo", escreveu depois Michel. Ele se refere ao discurso de que, sem ajuda, a Ucrânia pode acabar derrotada pela Rússia, o que seria o fim da guerra.

Na visão mais alarmista, isso seria o prenúncio de uma ação contra países do bloco, a maioria dos quais também integran-

Rússia faz primeiras condenações sob lei anti-LGBTQIA+

A Justiça da Rússia proferiu nesta semana as duas primeiras condenações retroativas sob a lei anti-LGBTQIA+, chamada de "movimento internacional LGBTQIA+". Na primeira sentença foi dada na segunda (25) por um tribunal em Nijni Novgorod, cidade ao leste de Moscou. A ré é uma mulher que, segundo o grupo de direitos LGBTQIA+ Aegis, foi condenada a cinco dias de detenção administrativa após ser gravada usando berrantes de arco-íris. A segunda sentença foi proferida nesta quinta (1º) na cidade de Volgogrado. Um homem identificado como Artom P postou a imagem de uma bandeira LGBTQIA+ na internet. Ele foi considerado culpado por "usar os símbolos de uma organização extremista" e deve pagar multa de mil rublos (R\$ 54).

ditam que todos os membros devem entrar em guerra se um dos sócios for agredido.

O anúncio da ajuda vem em hora providencial para Zelenskyy. Em dezembro, o Congresso americano rejeitou o pacote proposto pelo presidente Joe Biden de um auxílio de US\$ 61 bilhões (R\$ 324 bilhões) para os ucranianos neste ano.

Isso levou a Casa Branca a anunciar, em janeiro, que acabou o dinheiro novo para Kiev, assim como a ajuda militar direta, por meio de transferência de armamentos. Esta ajuda deve ocorrer pontualmente, por restos a pagar de auxílios já empenhados e retirada de fundos presidenciais, mas nada no nível anterior.

Do IS, a trilha em apoio militar, financeiro e humanitário registrado do início da guerra até 31 de outubro passado pelo Instituto para a Economia Mundial de Kiel (Alemanha), a UE como doadora, com R\$ 450 bilhões entregues.

Cerca de 90% desse valor era em recursos financeiros, não armas, assim como o pacote ora aprovado. Isso é vital para a economia seguir rodando e evitar o colapso do país, mas o problema mi-

litar segue em curso — a própria UE anunciou que só conseguirá entregar metade da munição que havia prometido para Kiev até março.

Os EUA foram, até o fim de outubro, os maiores apoiadores de Kiev em termos de armas: 64% dos R\$ 386 bilhões doados até então consistiam em material bélico, de munição para artilharia a mísseis. Outros países europeus também foram vitais: a Alemanha foi a segunda maior doadora militar, com R\$ 90 bilhões.

Há nuances nessa leitura. A ajuda alemã, por vital que seja no contexto, não é considerada estrategicamente tão importante quanto a entrega, por parte de Reino Unido e França, de mísseis de cruzeiro de longo alcance e alta precisão. Essas armas têm permitido ataques como o de quarta (31) contra forças russas em Sebastopol, principal cidade da Crimeia anexada em 2014.

Zelenskyy tem sofrido com o pior momento da Ucrânia desde que os russos quase cercaram Kiev na abertura do conflito em 2022. Além do veto americano, que evidenciou a desconfiança de aliados ocidentais acerca do rumo da guerra, de enfrenta dificuldades,

No campo militar, sua contraofensiva fracassou no ano passado, e o país entrou no modo de "defesa ativa", deixando a iniciativa na mão dos russos. Com o inverno europeu, grandes operações terrestres são limitadas, mas a campanha de bombardeios de Moscou foi escalada.

O país tem focado também algumas ações pontuais para manter o moral alto. Nesta quinta, divulgou um vídeo do que seria o ataque com um drone aquático no mar Negro contra uma corveta russa, a Ivonnetes, ocorrido na noite anterior. Pelas imagens, que a Rússia não comentou, a explosão deixou um rastro no casco da embarcação.

Há também uma crise doméstica em curso. Na segunda (24), Zelenskyy pediu que o chefe das Forças Armadas, general Valerii Zaluzhnyi, renunciasse ao posto. Ele se recusou, o que deverá levar à sua demissão, mas com grande desgaste político para o presidente.

Ambos os líderes vinham discutindo sobre os rumos da guerra, fazendo explodir uma rivalidade que remontava a 2014, quando Zelenskyy animou-se com a resistência contra os russos e passou a querer influir em decisões militares nas quais inicialmente não se envolvia. Aliados do presidente creem que Zaluzhnyi tem pretensões políticas.

Um dos candidatos para o posto é o chefe da inteligência militar do país, Kirilo Budanov, que tem feito diversas declarações sobre o conflito nos últimos dias. Foi sua unidade, o GRU, que divulgou o vídeo com o ataque ao navio.



Palestinos inspecionam veículo da ONU destruído em meio à ofensiva do Exército israelense em Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza. (Imagem: Reuters)

Biden impõe sanções contra colonos extremistas na Cisjordânia

GUERRA ISRAEL-HAMAS

Fernanda Perrin

WASHINGTON Os Estados Unidos vão impor sanções a indivíduos que ameaçarem a "paz, segurança e estabilidade" na Cisjordânia, anunciou a Casa Branca nesta quinta-feira (1º). O decreto, uma resposta inédita aos assentamentos nargio, tem como alvo ações de colonos judeus, que atingiram nível recorde no ano passado.

As sanções financeiras miram coordenadores e participantes de atos ou ameaças de violência contra civis, intimidação, destruição e tomada de propriedades e parte ano.

Em comunicado, citando o ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, de extrema direita, Biden de cooperar com inimigos de Israel. "A campanha de violência de colonos" é uma mentira antissemita que ini-

ca, Jake Sullivan, disse em nota que o problema é uma grave ameaça à Cisjordânia, a Israel e a toda a região do Oriente Médio, assim como aos "interesses de segurança nacional e a política externa dos EUA". Depois, o Departamento de Estado anunciou os primeiros indivíduos alvos das sanções.

O premiê israelense, Benjamin Netanyahu, reagiu à medida. "A vasta maioria dos residentes da Judeia e da Samaria são cidadãos que cumprem leis. Israel age contra todos que violam as leis em todos os lugares, e não apenas no território da Cisjordânia", disse em comunicado, citando o ministro da Defesa, Yoav Gallant.

Em comunicado, citando o ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, de extrema direita, Biden de cooperar com inimigos de Israel. "A campanha de violência de colonos" é uma mentira antissemita que ini-

Hamas vê de 'forma positiva' proposta de trégua, diz Qatar

O Ministério das Relações Exteriores do Qatar disse na quinta (1º) que líderes do Hamas receberam "de forma positiva" a proposta que prevê a libertação de reféns israelenses em troca do estabelecimento de uma nova trégua nos combates da Faixa de Gaza. Ao Channel 13 News, líderes do Hamas disseram que não quis se identificar regra que haja negociações. Na primeira fase da nova trégua, os combates parariam durante cerca de 30 dias enquanto milheres, idosos e reféns feridos seriam libertados pelo Hamas.

Amigos de Israel disseminam como o objetivo de manchar e ferir colonos piedosos e todo o Estado de Israel. É péssimo que a administração Biden coopere com essas ações", disse.

Os assentamentos na Cisjordânia são um dos principais entraves a um acordo de paz entre Tel Aviv e Washington. Em 2023, 500 palestinos foram mortos na Cisjordânia pelas forças de segurança israelenses ou por colonos, segundo as Nações Unidas. Desde outubro, 202 foram assassinados antes dos ataques pelo grupo terrorista Hamas em 7 de outubro — o maior número registrado em um período de dez meses desde que a ONU pediu a um cessar-fogo em novembro de 2023. Depois dos ataques, mais 300 palestinos foram mortos até 27 de dezembro, segundo a ONU.

A ordem executiva emitida por Joe Biden é uma resposta à crescente pressão que o presidente sofre por seu apoio a Israel desde a eclosão do conflito em Gaza. Protestos contra a abordagem de Biden são frequentes e preocupam a Casa Branca em ano eleitoral.

O tema tem apelo especialmente junto ao eleitorado jovem. Pesquisa de intenção de voto também mostram uma desaprovção crescente à administração do presidente no conflito no Oriente Médio entre a população negra. As duas demografias são vistas pelos democratas como cruciais para uma vitória contra Donald Trump em novembro de 2024.

A relação de Washington e Tel Aviv foi ainda mais tensiva depois da declaração de Netanyahu, e de membros do seu governo contrários a uma solução de dois Estados. O governo americano afir-

ma que a criação de um Estado palestino é a única solução para a região, e defende que Gaza fique sob controle da Autoridade Nacional Palestina (ANP), que administra parcialmente a Cisjordânia.

De acordo com o site Axios, que ouviu dois funcionários americanos sob anonimato, o secretário de Estado Antony Blinken pediu ao departamento uma revisão das opções de medidas e políticas disponíveis para o reconhecimento de um Estado palestino após eventual cessar-fogo em Gaza.

O porta-voz do Departamento de Estado, Matt Miller, no entanto, disse na quarta (31) que não havia posição dos EUA. "Não houve mudança de política. Deixamos clara e publicamente que apoiamos o estabelecimento de um Estado palestino, e estamos a seguir a política dos EUA há um tempo", afirmou.